

Nem um passo sem Bata

Mariusz Szczygieł

Tradução de Eneida Favre¹
Universidade Federal do Paraná

Para Egon Erwin Kisch

1882: O abafamento

– Por que aqui fede tanto? – pergunta Tomáš Bata², de seis anos, a seu pai Antonín. Assim, pela primeira vez, revela a vontade de ordenar a realidade.

Não sabemos o que o pai lhe responde. Provavelmente costuma falar pouco.

O sapateiro Antonín Bata está casado pela segunda vez. Por duas vezes desposou uma viúva com filhos. Com cada uma teve também os seus próprios. No total, na pequena oficina de sapateiro em Zlín, criam-se doze crianças de quatro casamentos. Além disso, Antonín trabalha com sete pessoas. A segunda esposa não gosta de correntes de ar.

Doze anos depois: As exigências

Três filhos do primeiro casamento: Anna, Antonín e Tomáš, de dezoito anos, estão diante do pai quinquagenário. Exigem a herança por parte da mãe. Propõem também que lhes dê de uma vez o que herdariam após sua morte. Não têm tempo para esperar tantos anos, e, além disso, em casa está apertado.

Recebem oitocentos zlóti de então em moedas de prata e contratam quatro empregados.

Um ano depois, em 1895: A regra

Têm dívidas de oito mil zlóti daquela época. Não têm dinheiro para couros novos e não têm como pagar os já comprados. Antonín é convocado para o exército e Anna vai trabalhar em Viena como criada.

¹ Bacharela em Letras Polônês e tradutora. E-mail: eneidafavre@gmail.com. <http://orcid.org/0000-0003-0241-7013>.

² Nota do autor: “Na realidade a família se chamava Baťa, mas em consideração ao hábito dos clientes em relação ao nome *Bata*, decidi deixá-lo exatamente como soa no mundo todo”.

Tomáš olha para o resto do couro e do desespero passa para a mais importante regra de sua vida: sempre fazer da desvantagem uma vantagem.

Como não têm dinheiro para comprar couro, é preciso fazer sapatos com aquilo que existe: de lona. A lona custa pouco e com o resto do couro pode fazer as solas. Desta maneira, Bata inventa um dos sucessos do século seguinte: sapatos de lona com solas de couro. De Viena ele traz alguns milhares de encomendas recolhidas num só dia. As pessoas chamam esses sapatos de batovky.

Graças a eles constrói sua primeira fabriqueta: em duzentos metros quadrados trabalham cinquenta homens.

1904: As perguntas

Os empregados percebem que ele nunca consegue sossegar. Está sempre tão agitado, que as pessoas se sentem cansadas em sua companhia.

Lê em um jornal sobre as máquinas da América. Parte para os Estados Unidos e em Lynn (Massachusetts), cidade dos sapatos, emprega-se como trabalhador numa grande fábrica. Leva consigo três colaboradores e cada um se emprega num lugar diferente. Ordena-lhes que observem diligentemente cada fase da produção. Todo sábado os quatro sapateiros de Zlín se encontram numa taberna, onde trocam suas observações.

Surpreendem-se que na América mesmo as crianças pequenas já se esforçam para ganhar o seu sustento. Bata fica mais impressionado com um menino de 6 anos que vai pelas casas e, por algum dinheiro, pega moscas.

Uns morrem por causa da miséria, mas outros assam panquecas na rua e vendem por um centavo. Tomáš percebe uma característica interessante dos americanos – adaptam em grande escala todas as novidades que a humanidade consegue inventar.

Ele levou consigo para os Estados Unidos 688 perguntas para as quais procurava respostas. Durante sua estadia, as perguntas aumentaram ainda em mais setenta. Chega à conclusão de que o padrão de vida do americano médio, mais alto do que na Europa, origina-se de estar livre de qualquer rotina.

(“Está claro que Tomáš Bata era um espião industrial nos Estados Unidos” – escreverão sessenta anos depois os historiadores tchecoslovacos).

1905: O ritmo

Tomáš aprende cada vez melhor o inglês e ouve alguma coisa sobre Henry Ford. Este empresário – como E.L. Doctorow escreveu sobre ele – está há muito convencido de que a maioria das pessoas é burra demais para ganhar dinheiro suficiente para ter uma boa vida. Teve então uma ideia. Dividiu a montagem de um automóvel em operações individuais e simples, que até um idiota conseguiria realizar. Em vez de ensinar a um trabalhador a realizar uma centena de atividades, decidiu colocá-lo em um só lugar e dar-lhe para fazer uma mesma atividade durante o dia todo e mandar as peças numa esteira rolante. Desta maneira a mente do trabalhador não fica sobrecarregada. (Ford ainda levará alguns anos para pôr em prática esta ideia).

Nos Estados Unidos, Tomáš Bata encontra-se pela primeira vez com a expressão “relógio no pulso”. Ela já é usada há quatro anos. No começo do século XX, os americanos começaram a contar o tempo em minutos e o tempo tornou-se a medida básica da produção. “Produtividade” e “ritmo americano” – novos fetiches – assinalavam a divisão do trabalho em unidades de tempo iguais. O dia de trabalho deixou de depender do nascer e do pôr do sol.

5 de setembro de 1905: Os segundos

À noite morre o pai.

Tomáš logo volta para Zlín – ainda uma cidadezinha provinciana, sobre a qual se diz na República Tcheca, que “lá é onde acaba o pão e começa a pedra” – e na parede de sua fábrica pinta uma grande inscrição: O DIA TEM 86 400 SEGUNDOS. As pessoas leem aquela inscrição e espalham que o filho do velho Bata ficou maluco.

1905 – 1911: A labuta

Compra máquinas alemãs e americanas. A fábrica já possui 600 empregados. Constrói para eles as primeiras moradias.

Quando em 1908 Ford lança o seu “carros para todos” na produção em série, Tomáš se entusiasma: – Ford já está usando sua esteira!

Na América um par de sapatos se produz em sete horas, na França, em quase seis. Tomáš escreve na parede da borracharia em letras do tamanho de um homem: PESSOAS – PENSAR, MÁQUINAS – LABUTAR.

Na fábrica de Bata, para um par de sapatos é preciso dedicar agora apenas quatro horas. Os sapateiros em toda a Morávia estão arrasados. Tomáš cerca sua fábrica e no

muro de tijolos manda escrever: NÃO TEMAMOS AS PESSOAS, MAS A NÓS MESMOS. (Daqui a vinte anos não dará atenção a este preceito. Não lhe passará pela ideia que sua vida irá terminar, por tornar-se vítima de si mesmo.)

1911: O amor

Apaixona-se e fica noivo. Rompe o noivado quando a amada lhe revela que não pode ter filhos.

Janeiro de 1912: Maňa

Viaja para Viena para um famoso baile tcheco, já é um sapateiro famoso, envia seus sapatos para os Balcãs e para a Ásia Menor. Tem esperança de conhecer no baile sua futura mulher. Interessa-se por Maňa³ Menčíková, filha do curador da biblioteca imperial. A moça toca piano e fala três línguas. Tomáš sabe que para tudo é necessário ter um contrato por escrito. Envia um amigo para perguntar à senhorita se assinaria um documento assim: no caso de não poder ter filhos, divorciam-se.

– E o que de bom poderia exigir dele se não realizasse seu sonho – responde a futura Marie Batová (Marie após dois anos de esforços infrutíferos para ter um filho comprará secretamente um vidro de veneno).

Dezembro de 1913: A garrafinha

Há alguns meses moram numa nova vila que Tomáš construiu antes do casamento, para que a esposa não sentisse a diferença entre a vida em Viena e em Zlín. Quando têm mais encomendas e a fábrica precisa trabalhar de noite, Marie serve limonada para os trabalhadores e distribui sanduíches. Dizem que de volta para casa pondera se uma árvore que não dá frutos não deveria ser cortada, e dá uma olhada na garrafinha.

28 de junho de 1914: A guerra

Em Saraievo finda a vida do arquiduque Ferdinando. A Áustria convoca as tropas. O mais eminente tcheco do século XX, o professor de filosofia Tomáš Garrigue

³ Maňa é diminutivo de Marie

Masaryk, membro do parlamento vienense, volta de férias. – Quando viajava para Praga, vi como nossos homens iam para o recrutamento militar: com repúdio, como para um matadouro – dirá mais tarde. Tem um peso na consciência. – Nossos homens vão para a guerra e para a prisão, e nós, parlamentares, ficamos em casa.

Tomáš Bata está aterrorizado: para a guerra liderada pela monarquia austro-húngara, todos os trabalhadores de sua fábrica devem se alistar. No dia seguinte, diante do café e ovos com bacon, tem uma ideia: vai para Viena e determina-se a conseguir uma encomenda de botas para o exército. Deixa os ovos, entra na carruagem, dispara para a estação de trem de Otrokovice, perto de Zlín. Mas o trem já tinha partido. Compra, então, os cavalos do cocheiro e o manda correr atrás do trem. Por três vilarejos os animais correm tão velozmente quanto o trem rápido, mas no quarto, tombam mortos. Em seis minutos Tomáš compra outra carruagem com cavalos. Alcança o trem e após algumas horas está em Viena.

Considera que não se pode sucumbir à realidade, é preciso sempre se aproveitar dela com habilidade em prol de seus próprios objetivos. Em dois dias consegue uma encomenda de meio milhão de pares e a garantia de que seus empregados não irão para a guerra.

Restam-lhe sete minutos para conseguir pegar o trem de volta, pois àquela hora a força policial já recolhia seus empregados na praça como desertores. No caminho, a carruagem de Tomáš provoca um acidente e o passageiro salta e corre para a estação. Embarca no trem veloz para Brno.

Dá trabalho também para operários e sapateiros não empregados por ele. Até para aqueles que eram seus inimigos declarados. Dizem que salva toda a vizinhança de ir para a frente de batalha.

No fim da guerra, apesar da crise, terá cerca de cinco mil empregados, que produzirão diariamente dez mil pares de botas militares.

Naquele dia, Marie Batová já não lembra mais da garrafinha de veneno que tinha comprado antes do Natal e da resolução de que, se o décimo-primeiro tratamento do oitavo doutor não tivesse sucesso, cometeria suicídio.

O último médico recomendou: a fecundação não pode ocorrer em Zlín, Tomáš Bata tem de estar fora de seu território – disse o doutor. Partiram então para dez dias em Karkonosze. (Ninguém podia acreditar que Bata aguentaria tantos dias sem supervisionar a produção).

Quando o sapateiro deixa os ovos com bacon e corre atrás do trem, sua esposa já está no sétimo mês de gravidez.

17 de setembro de 1914: Tomík

Nasce o filho de Tomáš, chamado de Tomík para se diferenciar do pai. (Vive até hoje).

1918: A batização

Fim da guerra, passa a existir o país Tchecoslováquia. Uma parte considerável dele já há algum tempo está “batizada”. “Tomáš fundou praticamente em cada vilarejo da Morávia uma filial Bata, e como resultado disso, logo não haveria na República Tcheca, na Morávia, na Silésia e na Eslováquia quase ninguém que não trabalhasse como sapateiro. Os calçados numerados entraram para a história.

Depois Bata criou sua própria rede de oficinas de conserto de sapatos, e a classe dos sapateiros desapareceu completamente” – escreve Egon Erwin Kisch.

Bata se defende: – Na Terra há dois bilhões de cidadãos – cita. – Anualmente fabrica-se em toda a esfera terrestre apenas novecentos milhões de pares. Cada pessoa precisa no mínimo de dois pares por ano. Perante o ambicioso fabricante de sapatos desenvolve-se a possibilidade da venda de um bilhão de pares de sapatos. Tudo é apenas uma questão de preço e grau de civilização.

1919: Os rumores

Dizem que certo sapateiro de Ostrava (cito o repórter comunista Kisch), quando percebeu que estava completamente arruinado por causa de Bata, empacotou em dois baús suas velhas ferramentas, ainda do século XVII, e as mandou para a fábrica de Bata, para serem entregues ao chefe em mãos. Depois pulou com a mulher e os dois filhos no rio.

Tomáš Bata, que juntamente com a notícia do passo desesperado recebeu aquela herança, anunciou: – Coloquem nisso a inscrição de que essas são ferramentas de sapateiro usadas no tempo em que comecei a trabalhar.

1920: O homem

Tomík, de seis anos, vai à escola descalço. Seu pai deseja que ele não se diferencie em nada de seus colegas de Zlín.

O pai fornece novas esteiras de produção, para que “cada indivíduo fosse automaticamente conduzido para a maior produtividade possível”. Se um empregado na esteira não mantém o ritmo, a correia para e então, na parede acende-se uma lâmpada vermelha. Graças à sinalização toda a seção vê não apenas que deve interromper o trabalho, mas vê também quem é o culpado.

“Em meu trabalho não penso apenas na construção de fábricas, mas nas pessoas. Afinal construo o homem” – anota.

1921: O prospecto

Circulam boatos de que Bata está internado num hospital psiquiátrico. Um dos jornais dá inclusive o endereço do hospital. Então, inesperadamente, em toda a Tchecoslováquia aparecem prospectos:

NÃO SOU RICO
NÃO SOU POBRE
NÃO ESTOU NA BANCARROTA
DOU BONS SALÁRIOS
PAGO HONESTAMENTE TODOS OS IMPOSTOS
FAÇO BONS SAPATOS
TENHA CERTEZA DISSO

Tomáš Bata.

Início de 1922: A crise

Na Europa a crise econômica pós-guerra já dura três anos, a inflação é galopante, mas a Tchecoslováquia consegue aumentar o valor da coroa de seis para dezoito centavos americanos. A posição do país perante os credores está se fortalecendo, no entanto, as empresas já têm dívidas no exterior. Bata tem os depósitos superlotados de mercadorias, os clientes precisam de calçados, mas não têm dinheiro.

Mensalmente vende-se apenas aquilo que Bata produziu em quatro dias. Poder-se-ia não trabalhar por vinte e seis dias.

Tomáš não quer lutar por benefícios fiscais. Considera também que não pode demitir as pessoas, porque logo exigirão da jovem nação o seguro-desemprego.

Outras fábricas já demitiram milhares de trabalhadores. O que o atormenta agora é que um desempregado com certeza não terá como comprar seus sapatos. O valor do marco alemão está caindo e o país é inundado por calçados alemães que ficam a cada dia mais baratos.

29 de agosto de 1922: Mais barato

Um choque já desde cedo: nos muros aparecem propagandas com um punho que esmurra a inscrição “Preços altos”, e com a informação de que, de hoje em diante, os sapatos Bata estão quase cinquenta por cento mais baratos. Os que custavam duzentos e vinte coroas tchecas podem ser comprados por cento e dezenove.

Diz aos trabalhadores que uma grande crise não pode ser superada com passinhos pequenininhos.

Reduzirá seus salários em quarenta por cento, mas não demitirá ninguém. Compromete-se a vender a comida por um preço simbólico nas mercearias das fábricas. Como o valor da coroa está subindo, poderão viver com os salários reduzidos, quase como tinham vivido até agora.

Os clientes se lançam na compra de seus sapatos. Todos os estoques são vendidos em três meses.

Na verdade, ele sabe que a baixa dos preços significa imensas perdas para a fábrica, mas só assim pode obter dinheiro vivo. Além disso, este dinheiro já tem um poder de compra três vezes maior, compra então com ele três vezes mais matéria prima.

Outras empresas também reduzem os preços, mas já é tarde demais. Bata foi o primeiro. Na imprensa escreve-se sobre a aparentemente ilógica, porém genial reação de Bata para o fortalecimento da coroa.

Sucesso. Daqui a um ano Tomáš Bata contratará para a fábrica mil e oitocentos novos trabalhadores e será eleito o prefeito da cidade de Zlín.

Maio de 1924: O boné

Tomík, de dez anos, viaja com seus pais para Brno num carro com a capota aberta. Com o vento, seu boné voa. O carro para, o menino corre para pegá-lo. Ele volta e ouve do pai: “Já lhe falei, que você tem de ter cuidado. Mais uma vez que isso aconteça e iremos sem você”.

Em dez minutos o boné voa novamente. Tomáš Bata manda parar o carro e dá ao filho dez coroas: “Vá andando até a estação de trem mais próxima e pegue o trem até Brno. Na volta você pode vir conosco de carro” – diz.

No entanto, o pai tem de se conformar com o fato de que voltará sem o filho. O menino chega a tempo em Brno, vai até uma loja de sapatos Bata, pede dinheiro emprestado ao caixa e volta sozinho de trem para Zlín.

1925: O cheque

Quando, com a idade de onze anos, Tomík conclui a escola primária, os pais o mandam para um ginásio em Londres. Viaja para lá com seu próprio talão de cheques e o pai abre-lhe uma conta no Guaranty Trust Company de Nova Iorque. Para pagar as mensalidades, o menino emite cheques para o proprietário da escola. Um adolescente da Tchecoslováquia causa assim sensação na escola de elite.

Com a idade de quatorze anos volta para Zlín e – de acordo com o desejo de seu pai – torna-se um operário comum com o salário mais baixo. Ele já tem o direito de usar sapatos.

(Quando ele tiver oitenta e oito anos, perguntarei à sua secretária americana se posso fazer algumas perguntas a ele. – Sim – responde. – Melhor que a pergunta seja uma e que seja importante. Escrevo um e-mail: “Prezado Senhor Bata, como se deve viver?”).

“É preciso aprender diligentemente – responde o senhor Tomík. – Olhar em torno de si com os olhos bem abertos. Não repetir os erros e deles tirar conclusões. Trabalhar honestamente e não visar apenas o seu próprio lucro. Isso não é tão difícil assim, não é?”).

1925: Bataman

Tomáš Bata funda sua primeira escola. Faz isso por imposição: – Porque – explica – não há casos conhecidos de os melhores professores neste país terem se tornado milionários. A maior parte deles é pobre.

Anuncia então que admitirá seiscentos rapazes na idade de quatorze anos, e assim forma sua Escola para Jovens Rapazes. O estudante na escola deve se custear sozinho. Durante oito horas por dia ganha dinheiro na fábrica para a comida, o internato e as roupas e durante quatro horas estuda. Qualquer ajuda financeira dos pais está proibida. Semanalmente o estudante recebe cento e vinte coroas, gasta setenta e o resto junta na sua conta. Tudo é tão planejado que, quando o jovem rapaz, aos vinte e quatro anos de idade, voltar

do serviço militar para a fábrica de Bata, terá na conta cem mil coroas. Os preceptores no internato controlam as cadernetas de gastos. Controlam também os rapazes, observam se eles mantêm as mãos sobre as cobertas. Todos têm palestras sobre higiene e onanismo.

O melhor atleta do mundo em 1952, Emil Zátopek, manterá as mãos sobre a coberta. Também as manterão sobre a coberta: o conhecido escritor (daqui a quarenta anos) Ludvík Vaculík, assim como o notável representante da *Nouvelle Vague* no cinema tcheco (daqui a quarenta anos), o diretor Karel Kachyňa. O diretor começará na fábrica de Bata como varredor e terminará como desenhista formado. – Fui um *bataman* – dirá no início do século XXI. – O senhor sabe, em Zlín aprendi a lutar contra o medo.

Cada aprendiz de Bata é um *bataman*.

É possível se tornar um *bataman* através da obediência e do trabalho.

Setembro de 1926: O leite

Tomáš está satisfeito: concluiu apenas a escola primária, não possui nenhum outro título – além da inscrição “Chefe” na porta de seu gabinete – e é o autor do primeiro manual chamado: “Todos enriquecidos”.

Surge a Academia Comercial de Tomáš Bata.

Tomáš dá uma sapatada na escrivania, porque um dos estudantes, com o dinheiro que ganhou trabalhando, foi de carro até Praga para a apresentação da dançarina americana Josephine Baker – precursora do *striptease*.

Desde então: não é permitido aos trabalhadores e estudantes ficar por muito tempo nas tabernas; é proibido beber qualquer tipo de bebida alcoólica em Zlín; recomenda-se leite.

1926 – 1929: Jogo de xadrez

Oito anos após a Grande Revolução de Outubro, Tomáš Bata inicia seus experimentos com a sociedade capitalista. Constrói para os moradores uma Casa Comunitária de oito andares com hotel (após a guerra, Hotel Moscou). Ordena que no térreo, ao lado do restaurante, não haja nenhuma cafeteria, nem adega, apenas um salão de tênis de mesa, um boliche e um salão para jogo de xadrez (porque é necessário pensar constantemente).

As pessoas já não cumprirão as oito horas de trabalho, das sete às quinze.

Agora, trabalharão até às dezessete horas, mas, em compensação, a partir do meio-dia, terão duas horas de intervalo. As mulheres poderão então voltar para casa e preparar o almoço, mas Bata não vê sentido nisso, pois construiu grandes refeitórios e uma loja de

departamentos, na qual existe de tudo. – Mulheres – diz num discurso – vocês não precisarão fazer nem as conservas; Bata as fará para vocês.

Os homens e as mulheres durante o intervalo podem fazer o que quiserem, no entanto, recomenda-se:

1) deitar nos gramados na praça do Trabalho (com tempo bom);

2) não ceder à inatividade (por isso, é melhor ler, mas com uma ressalva: NÃO LEIAM ROMANCES RUSSOS – diz o anúncio inventado por Bata, escrito na parede da feltraria. Por quê? Resposta de Bata – na parede da borracharia: OS ROMANCES RUSSOS MATAM A ALEGRIA DE VIVER);

3) usufruir do cinema quando o tempo estiver ruim (porque Bata já construiu no meio da cidade o maior cinema da Europa Central, com três mil lugares, e a entrada custa o valor simbólico de uma coroa).

4) compensar os atrasos no trabalho; os inábeis devem usar o intervalo para recuperar nas máquinas o trabalho não feito;

Os sindicatos trabalhistas e o Partido Comunista da Tchecoslováquia afirmam que, na verdade, exatamente para isso Bata criou este intervalo – para o trabalho extra não pago. As greves são reprimidas e as pessoas, incondicionalmente demitidas da fábrica.

1927: Os sinais

A imprensa escreve sobre o inacreditável consumo de leite em Zlín e a surpreendente – tratando-se do país da cerveja – falta de interesse pelo álcool. Para cada trinta e cinco habitantes há um carro, o que representa o mais alto índice em toda a Tchecoslováquia.

Tudo se submete à racionalização: para não chamar os chefes de setores ao telefone e não gritar mais alto que as máquinas, a campanha envia sinais em código Morse. Cada um dos chefes tem o seu próprio sinal em código Morse, que ouve até mesmo no banheiro. Os edifícios da fábrica têm seus próprios números, para que não seja possível se perder. Todas as portas dos edifícios são também numeradas. As ruazinhas no terreno da fábrica também têm números.

Pela 21 vai-se até o VIII/4a.

1927: O trauma

No departamento de publicidade trabalha um pintor de cartazes. Quando junto com um colega traz para Tomáš Bata um projeto de desenho, este pisoteia o cartaz e nem

diz nada sobre o que esperava dele. Na segunda vez, apoia o papel cartão inclinado na parede e pula bem no meio dele (também nada esclarece). Na terceira – joga no chão trinta projetos de cartazes, pula neles, chuta o papel e finalmente opina sobre eles: – Quem foi o idiota que pintou isso?!

O pintor dos cartazes se chama Svatopluk Turek e o trauma que agora sofre faz com que daqui a alguns anos comece a escrever livros rancorosos sobre Bata.

1929: O ar

Tomáš amplia seu círculo social, sua firma já é uma Sociedade Anônima conhecida no mundo. O convidado particular de Bata, *sir* Sefton Branker, mostra ao radiante Tomáš algo que o conduzirá à morte.

Sir Branker é o chefe da aviação civil da Grã-Bretanha e voou até Zlín para demonstrar o mais novo avião monomotor de três lugares da empresa De Havilland. Isso causa em Tomáš tamanha impressão que ele compra logo de uma vez quatro aviões.

Constrói-se um aeroporto, os aviões de Bata sobrevoarão toda a Europa. Em breve surgirá a fábrica e movimentará a produção de aviões esportivos da marca Zlín.

Sobrevoando a cidade, Tomáš percebe uma clareira cercada pela floresta: – Isso daria um belo cemiteriozinho – diz ao piloto.

1931: Grafologia

Tomík, dezessete anos, retorna de Zurique, onde tinha sido gerente de uma grande loja durante o ano anterior. Torna-se gerente da loja de departamentos em Zlín. Desentende-se com o pai sobre alguma coisa. – Papai ainda vai se arrepender – diz isso e escreve uma carta para o maior concorrente de Bata nos Estados Unidos, a firma Endicott Johnson.

Apresenta-lhe suas aptidões, depois dobra o papel, mas não manda a carta. Sua mãe encontra a carta. Mostra-a para o marido, pois ele a mandou ficar a par de tudo. Tomáš vibra de alegria: tem um filho fantástico, que sempre vai dar conta de tudo.

No entanto, tem um irmão que é um idiota. Jan Antonín, filho da segunda esposa de seu pai, é vinte anos mais moço. Tomáš o insulta de burro na frente dos empregados e ele recebe chutes, assim como o resto do pessoal.

Algum tempo atrás, Tomáš encomendou ao grafólogo Robert Saudek, de Londres, a análise da escrita dos colaboradores mais próximos. Guarda-as a sete chaves, para que as vítimas não saibam nada sobre isso. Egon Ervin Kisch as encontrará nos arquivos (em 1948,

começará a escrever a reportagem *Fábrica de sapatos*, mas após escrever a primeira página morrerá do coração). A análise grafológica número dez – de Jan – parece uma ficha policial.

“1. Honestidade: incerta. Se ele é seu funcionário, não gostaria de levantar suspeitas, baseado na escrita a mim apresentada, mas devo dizer que eu nunca o indicaria.

2. Iniciativa: ávido por sucesso imediato, iniciativa de caráter agressivo. Não é chantagista, mas tem tendência para isso.

3. Sinceridade: aparentemente franco, motivo pelo qual predominantemente entra em conflito com as pessoas. Ao mesmo tempo é hipócrita.

4. Capacidade de julgamento: absoluta falta de objetividade.

5. Possibilidade de desenvolvimento: se o senhor lhe desse liberdade, provavelmente se desenvolveria num sentido negativo”.

(Jan A. Bata ganhará esta liberdade do próprio destino em meio ano. Amedrontará as pessoas, mais que seu irmão).

Enquanto isso, Tomáš Bata deve arranjar um lugar no cemiteriozinho da floresta.

Abril de 1932: A inauguração

– Nós nos acostumamos a olhar para um cemitério como um lugar aonde vamos para nos lamentar. No entanto, o cemitério está, como tudo no mundo, a serviço da vida. Por isso deveria ter uma aparência que não amedrontasse, para que os vivos pudessem visitá-lo com tranquilidade e alegria. Deveríamos passear aqui como num parque. Divergir-se, tocar música e ter boas lembranças dos falecidos – com essas palavras Tomáš Bata inaugura o Cemitério da Floresta, em Zlín.

(Talvez não lhe passe pela cabeça, nessa hora, que será o primeiro defunto do cemitério).

12 de julho de 1932, pela manhã: A neblina

Quando chega a seu aeroporto particular em Otrokovice às quatro horas da manhã, uma densa neblina cobre o céu. Insiste em voar. O piloto pede para esperar um pouco. – Não sou amigo da espera – responde-lhe Tomáš, de cinquenta e sete anos.

Partem e depois de sete minutos, à velocidade de cento e quarenta e cinco quilômetros por hora, o avião Junkers D1608 bate na chaminé da fábrica. O avião se espatifa em três partes e uma costela quebrada crava-se no coração de Tomáš Bata.

“As ordens de Tomáš Bata eram sagradas. Apenas ele mesmo estava acima delas. Certo dia deu uma ordem a si mesmo e morreu por causa disso” – escreverá Kisch.

Meia hora mais tarde: O chefe

Quando informam ao irmão de trinta e sete anos sobre a catástrofe, ele pega o telefone e liga para o diretor da fábrica. “Aqui fala o chefe” – apresenta-se. Sem nem piscar, já usa o título, o que para todos parece uma blasfêmia. Diz-se que considerou a notícia da morte de Tomáš como um sinal de Deus e, portanto, começou a imaginar que era o homem mais importante do mundo.

13 de julho de 1932: O envelope

No tribunal distrital em Zlín é aberto o envelope com o testamento de Tomáš. Estão presentes os diretores da firma, a esposa, o filho e o irmão. Tomík, de dezoito anos, recebe dinheiro do pai, Marie Batová – dinheiro e imóveis. O segundo envelope leva a inscrição: “Para Jan A. Bata” e tem a data do ano anterior. Tomáš escreve que tinha vendido para Jan todas as ações da firma Bata S.A. Zlín.

Jan deixa cair o queixo e não pode acreditar que já há um ano é o proprietário de Zlín e de todas as filiais no exterior! (O diretor da fábrica, que era um dos poucos que sabia anteriormente desses planos, perguntou a Bata sobre o motivo de tão surpreendente decisão. – O maior canalha da família roubará, apesar de tudo, menos que o estranho mais honesto – tinha respondido o chefe).

De acordo com o testamento, Jan tem também que administrar a companhia no país e no exterior. Durante um prolongado momento não diz nada, mas cai em si. Por via das dúvidas, acrescenta à declaração do falecido que, um ano antes tinha comprado tudo “conforme acordo verbal”. O acordo verbal, de acordo com a lei, isenta de imposto, e então o documento todo pode dar a impressão de ser verdadeiro – não precisaria haver vestígios da transação nos cartórios.

Desde 1932: A nova era

Dois enviados de Bata voam para checar a possibilidade de vendas no norte da África. Mandam para Zlín dois telegramas diferentes. O primeiro dos enviados escreve: “Aqui ninguém usa sapatos. Nenhuma possibilidade de vendas. Estou voltando para casa.”

O segundo telegrafa: “Todos estão descalços. Enorme possibilidade de vendas, mandem sapatos o mais rapidamente possível.”

Os sapatos de Bata conquistam o mundo, e cria-se uma mitologia em relação à firma.

Na nova era, operará com a estatística constantemente: na época de Tomáš, 24 empresas; na de Jan, 120; na época de Tomáš, 1045 lojas; na época de Jan, 5810; na época de Tomáš, 16 560 empregados; na de Jan, 105 700.

1933: O bode

Continua a crise mundial dos anos trinta. A firma é um perfeito bode expiatório.

Na Alemanha aumentam os impostos sobre sapatos e anunciam que Jan Antonín Bata é um judeu tcheco. Dezenas de caricaturas dele adornam as revistas nazistas. O RABINO BATA DIZ TUDO! O Diretor da Bata na Alemanha chega a Zlín para checar as origens da família. São católicos há sete gerações de sapateiros, mas antes disso, não há documentos para provar. Volta para Berlim e dá uma declaração aos jornais sobre a ascendência de Bata. A Gestapo o interroga. Jan decide vender imediatamente a fábrica da Alemanha. Na França, a fábrica já funciona há um ano. É preciso, no entanto, fechá-la, porque a concorrência inicia uma campanha inacreditável: BATA – ALEMÃO. Imensas fotografias nos muros mostram Jan como o protótipo do prussiano, tem cabelos claros e olhos azuis. Na Itália, a concorrência espalha o boato de que Bata atacou Mussolini nos jornais tchecoslovacos. Na Polônia – que a cada ano uma comissão secreta soviética visita Zlín: BATA COLABORA COM OS SOVIÉTICOS.

Há cinco anos – apesar da crise – a Tchecoslováquia mantém o primeiro lugar no mundo na exportação de sapatos de couro.

1933: A vingança – ato I

O pintor de cartazes publica o romance *A máquina de fazer sapatos*. O sobrenome Bata não aparece nele, mas todos estão convencidos de que é uma crítica aguçada à batização.

Jan Bata processa Svatopluk Turek na justiça, a qual ordena que se destruam todos os exemplares não vendidos do romance. Duzentos departamentos policiais dirigem buscas em todas as livrarias no país. (Como assegura Turek, os gerentes das lojas de Bata controlam os policiais, porque Bata tem uma posição muito privilegiada no país).

Muitas revistas defendem o livro. Então, a firma Bata retira delas os seus anúncios. Por exemplo, *Právo lidu* os recupera, quando após uma crítica positiva imprime uma nova – negativa.

(*A máquina de fazer sapatos* será publicada de novo daqui a vinte anos, quando terá mudado o regime no país. Então Turek achará também no arquivo de Bata em Zlín mais de oitenta denúncias a seu respeito. Bata evidentemente tentou fazer-lhe o cerco. Turek escreverá mais tarde que representantes de Bata o visitaram e anunciaram que, se ele não desistisse de seu próximo livro sobre a batização, seria forçado a cometer suicídio).

1935: *Batovky*

Jan é fascinado por numeração. As ruas se chamam, por exemplo, Zálešná I, Zálešná II, Zálešná III, até Zálešná XII. O que existe mais são as ruas Podvesna – até o número dezessete.

Bata anuncia um concurso internacional de arquitetura para a moradia da família do operário. Inscrevem-se quase trezentos arquitetos. Ganha o projeto da casa de um sueco, Erich Svedlund. Uma casa para duas famílias. Para pagar o aluguel semanal será preciso trabalhar apenas duas horas.

– O trabalhador que possui uma casa passa por uma completa transformação – diz Jan aos gerentes.

Tais concepções a burguesia esclarecida aplica no ocidente há mais de quarenta anos. Uma pequena casa com um jardinzinho faz do trabalhador o efetivo chefe da família, digno desta denominação, torna-se moral e prudente, sente-se ligado ao lugar e influencia os mais próximos. Concomitantemente, percebe-se que o trabalhador que não habita uma moradia comunitária, do tipo alojamento, com outras famílias – e fica fechado em sua própria casa – afasta-se das questões coletivas e do sindicalismo.

As casinhas são igualitárias e modernistas. São cubos de tijolos vermelhos de cinco metros de altura (portanto, baixos). Estilo sem procedência. As pessoas falam delas como falam dos sapatos: *batovky*. No térreo a família têm dezoito metros quadrados: sala, banheiro e quitinete; no andar de cima, dezoito metros: dormitório. Graças a Deus que existem os pequenos jardins.

(– Viver aqui é uma tragédia – dirá daqui a sessenta e sete anos Jiřina Pokorná, da rua Bratři Sousedíkũ, esposa do eletricitista que estudou na escola de Bata. Tem já setenta anos. – O senhor veja só, logo irei morrer, afinal dá para ver pelo meu aspecto, e durante toda a vida não tive uma cozinha normal, porque aquele canto na antessala, um metro e meio quadrados, isso por algum acaso é uma cozinha? – pergunta.

– E por que tão pequena? – pergunto.

– Bom, eles fizeram tudo para que a vida não acontecesse em casa!

Daqui a sessenta e sete anos, Jiřina Pokorná sentar-se-á na frente de sua casinha vermelha com jardinzinho i beberá cerveja de acordo com a lei).

As casas são tão próximas umas das outras que os moradores, mesmo quando não querem, mantêm um controle mútuo.

Além do mais, as *batovky* na rua Padelky II são idênticas, por exemplo, às da Padelky IX. O visitante do início do século XXI terá a sensação de que uma e a mesma rua se multiplica automaticamente, como num jogo de computador.

Final de 1935: O profeta

– Ah, uma cidade autorreplicante – suspira o convidado deslumbrado que visita Zlín. Ele é “o profeta da arquitetura do século XX”, o autor das desumanas “máquinas de morar”, ele se chama Le Corbusier. Foi o presidente do júri do concurso em Zlín e a ele Jan pedirá também um projeto urbanístico para toda a cidade. Le Corbusier tinha acabado de projetar o edifício do Centrosojuz, em Moscou, e daqui a alguns anos lhe será confiado o projeto do edifício da ONU em Nova Iorque.

(Daqui a algum tempo, Jan Bata vai se gabar ao profeta da ideia de um formato ainda mais grandioso: – Quero criar réplicas de Zlín no mundo inteiro!).

Por causa de diferenças de personalidade, essa colaboração não se consolidará, e dois tchecos criarão um abrangente projeto urbanístico: František Gahura e Vladimír Karfík. Este último trabalhou durante um ano com Le Corbusier e um ano com Frank Lloyd Wright, nos Estados Unidos. Zlín ficará famosa como a primeira cidade funcional do mundo.

Voltemos a maio de 1935: Monopólio

O departamento social tem seus próprios espiões que denunciam os amantes. Se percebem novos relacionamentos, colocam o casal no relatório disciplinar. A firma recomenda-lhes que se casem e tenham filhos.

O gerente do departamento de recursos humanos, Dr. Gerbec, sempre diz: – As crianças são as correias com as quais seguramos seus papais.

“Bata tem o monopólio da vida humana” – bradam os sindicatos trabalhistas vermelhos.

“Há um capitalista por trás de todos os partidos governamentais e não governamentais” – escreve o *Rudé právo* comunista.

Realmente, pelo menos em Zlín, os homens de Bata se candidatam em todos os partidos políticos nas eleições para o Conselho distrital. Os latifundiários colocam em terceiro lugar o gerente da fábrica de Bata em Otrokovice; a socialdemocracia, em primeiro lugar – um alto funcionário de Bata; o partido camponês, em terceiro lugar – um funcionário inferior de Bata; os nacionalistas, em primeiro lugar – o chefe do setor de acabamento de sapatos de Bata; os fascistas, em primeiro lugar – o chefe das oficinas de Bata.

1936: O passo

Anúncio de sapatos daquele ano para a Europa: NENHUM PASSO SEM BATA.

Tempos depois, em 1936: A dignidade humana

Sai a antologia de textos canônicos de Jan Antonín Bata.

“Com horror constato que este nosso povo decente e simples se transforma em mendigos.

Ensinemos às pessoas que perderam o trabalho em nossa empresa a viverem modestamente, porém, como gente – por conta própria. Exigindo do Estado o auxílio-desemprego, enfraquecem o país. Aceitemos o trabalho que nos dão, trabalho por qualquer preço. Reconheçamos que o recebimento do auxílio-desemprego é uma vergonha. O auxílio não é uma demonstração de dignidade humana, é o assassinio da alma humana. É a corrupção dos fracos”.

Como então ajudar esses que estão justamente perdendo sua dignidade humana?

Sua resposta: não se importar com eles.

Afinal essas pessoas – de acordo com a percepção da sociedade – já há muito deveriam ter morrido de fome, mas estão vivos.

Já em 1931, Tomáš Bata tinha alertado os trabalhadores demitidos que, se recebessem o seguro-desemprego, estariam fechando para sempre qualquer possibilidade de trabalhar para ele novamente.

Os jornais escrevem que em Zlín não há desempregados. Na realidade, a cidade retira a moradia daqueles que tinham perdido o trabalho e os força a retornarem a seus vilarejos de origem. Se alguém é comunista ou atua nos sindicatos, em Zlín não morará muito tempo. Bata cria arquivos particulares dos vermelhos.

No caso de tumultos, tem seu próprio pessoal – corrompe os policiais das redondezas. Por exemplo, em janeiro de 1934, dezenove funcionários de Zlín, que residiam nas casas familiares de Bata, receberam como prêmio uma redução de sessenta por cento no aluguel.

O senador comunista Nedvěď vocifera que em Zlín acaba a atuação da lei tchecoslovaca.

Voltando à crise. Apesar de terem sido demitidas milhares de pessoas, o número de sapatos produzidos não caiu: em 1932 foram produzidos quase um milhão de pares a mais que no ano anterior. – O terror Batano – é assim que esse sucesso é explicado pelos comunistas.

Em 1936, já tem quatro filhas, um filho e também a esposa Marie. Pouco sabemos sobre sua vida pessoal, a não ser que daqui a dois anos trará para a esposa, de uma curta viagem ao exterior, as recém-inventadas meias de *nylon*. Sobre o que será que conversam ante de dormir?

– Nosso país necessita do nosso trabalho, Mania. Somos o maior contribuinte de impostos da nossa república.

28 de junho de 1936: A literatura

Jan Bata convoca em Zlín um congresso de escritores. Talvez, depois da história com *Botoštroj*, queira ter a literatura sob controle.

Leva pela cidade cento e vinte literatos, e depois lhes dá a palavra.

– Sinto-me muito feliz por ver juntas a indústria e a literatura. Estas duas atividades devem se unir – em nome dos escritores de Praga, discursa o ex-autor de prosa decadentista Karel Scheinflug, e acrescenta: – A literatura pode fazer muito pela indústria e a indústria pela literatura.

Bata logo esclarece aos escritores de onde provêm as necessidades culturais suas e dos moradores de Zlín: – Aqui a luta pelo aprimoramento das pessoas se tornou um sucesso.

No dia seguinte: O surrealismo

Cento e vinte escritores apreciam os trabalhos de cento e cinquenta e dois pintores no Salão de Arte de Jan Bata. (Bata tinha organizado um congresso de artes plásticas quatro meses antes). Olha com condescendência para os trabalhos dos mais famosos, os quais comprou. Seu olhar se detém no quadro de Toyen (anteriormente Marie Čermínová), que pinta ovos, pedras e cordas como se resultando de delírios, o que foi muito elogiado por Paul Eluard quando visitou Praga.

– Confesso – diz Jan Antonín Bata – que quero conhecer pessoas que não se perderam numa só tendência artística. Conheço um rapaz que pinta pintinhos mortos. Ou pinta

homens que parece que vão viver apenas mais uma hora. Penso que isto não é conveniente, pois para quem umas pinturas assim são de serventia? Para a sociedade? Para as classes sociais? Para a nação? Um quadro não me sai do pensamento: Os eslovacos com machados, e dos seus olhos saem faíscas, e movem-se adiante de um modo estranho, ora, essa! Eu quero ajudar os artistas. Mas aqueles que vão pintar o homem que quer alguma coisa.

(Apesar das opiniões conservadoras de Bata sobre arte, os quatro Salões seguintes organizados por ele animaram os meios artísticos; trezentas mil pessoas viram as exposições).

– Ah – Jan lembra que está conversando com escritores e não com pintores – vocês também evitem o pessimismo. E, finalmente, preparem um credo para o povo trabalhador.

1937: O elevador

Jan provavelmente sente-se lindo, desejável e livre: finaliza-se a construção de dois institutos educacionais e inicia-se a construção do mais alto edifício na república. Terá dezesseis andares – setenta e sete metros e meio de altura. Será o edifício de escritórios de Bata.

O escritor britânico Orwell somente daqui a onze anos publicará na imprensa os princípios da vida sob a supervisão do Grande Irmão, mas Jan passa à frente da literatura mundial. Tem a ideia de criar algo que ainda não existia: um escritório móvel que vai vigiar os funcionários. Instala seu próprio gabinete no elevador envidraçado que desliza verticalmente no edifício. (Cabine de 5m x 5m, pia com água quente, radio e climatização).

Não precisa sair do elevador, não precisa ir pelas escadas. O gabinete para, por exemplo, no décimo-terceiro andar, a parede do edifício se move para o lado e de sua sala do trono móvel Jan Antonín Bata observa as pessoas que trabalham.

Diz que isso é também para o bem deles: para chegar até o chefe, não precisam gastar muito tempo.

Se há alguma necessidade, o gabinete pode aparecer num instante em outro andar.

Tempos depois, perto de 1937: Os melhores

Jan Bata funda uma escola para os melhores alunos da Escola de Jovens Rapazes. Durante as refeições, os alunos podem falar apenas em línguas estrangeiras, e as mesas são postas como em hotéis cinco estrelas (Jan acabou de voltar de uma viagem de dois

meses ao redor do mundo). Os alunos estudam de *smoking* e tiram as cartolas somente após passarem pela entrada da escola.

Todavia, após as aulas vestem-se com o traje comum de trabalhador e vão para o trabalho.

A velha senhora Batová (trata-se da esposa do falecido Tomáš, a qual não é velha, mas que as pessoas assim chamam para diferenciá-la da esposa de Jan, que também se chama Marie Batová), apesar do sucesso de Jan, não para de referir-se a ele como “aquele cretino”.

Jan, que terminou o ensino básico, recebe o doutorado *honoris causa* da Escola Técnica Superior em Brno e exige que se dirijam a ele como “senhor professor”.

12 de março de 1938: A Patagonia

Fala demais. A prudência é a mãe da sabedoria – como dizia Szwejk – mas Jan Bata, assim como Szwejk, nunca se prende a esta verdade.

No dia seguinte à anexação da Áustria ao Terceiro Reich, pressentindo o destino que em pouco tempo encontrará a Tchecoslováquia, desperta com uma ideia. Daqui a um pouco terá início o “jogo dos poderes”. Até Varsóvia considera que a Tchecoslováquia é uma criação artificial, condenada à destruição.

Em seu próprio jornal “Zlín”, Jan Antonín Bata anuncia a ideia com a qual desperitou – transferência da Tchecoslováquia para a América do Sul.

“O Brasil, um país grande como toda a Europa, tem 44 milhões de cidadãos. A Europa tem 480 milhões. Para que procurar terreno para expansão na apertada Europa? E por que não lá? Melhor se mudar. A última guerra tinha custado ao mundo oito trilhões de coroas tchecoslovacas. A transferência de dez milhões de pessoas para a América do Sul custaria apenas quatorze bilhões de coroas. E por cento e quarenta bilhões eles poderiam construir para si lindas fazendas. Por que fazer uma coisa tão burra e para o mal das pessoas como é a guerra? Adequa-se muito bem para nós também a Patagônia, ao sul da Argentina”.

Bata supõe que os alemães irão gostar dessa ideia. Na certa sentirão alívio quando os tchecos se transferirem. (Depois da guerra será, na Tchecoslováquia comunista, base de acusação no processo de traição à pátria).

– Mas uma nação e sua cultura estão estreitamente ligadas ao lugar – escuta de todas as pessoas.

– À merda com a cultura, quando na guerra as crianças têm de morrer – responde.

1938 ou 1939: Goering

Tem um encontro particular em Berlim com o marechal do Reich Hermann Goering. Os comunistas dirão que fez isso logo depois que os alemães começaram a ocupar a Tchecoslováquia, ou seja, em março de 1939. A família de Jan – disse que foi meio ano antes, no outono. Os comunistas – que ele mesmo teve a ideia de estabelecer contato pessoal com o marechal. A família – que foi obrigado a isso. Pois chegou um mensageiro de Berlim e o ameaçou com graves consequências, se Bata não aparecesse perante Goering. Até Tomík, que não morre de amores pelo tio, explicará de certa forma suas intenções: – O que o empurrou para Goering foi apenas a curiosidade e a sensação de sua própria importância.

(Não encontrei pistas confiáveis do que juntos conversaram. Fora isso, apenas o que seu ex-pintor do departamento de publicidade, no livro *A traição da família Bata* cita como palavras de Bata: “Goering mesmo me disse que vivemos no quintal alemão, que devemos nos conscientizar disso e agir de acordo. É claro que existe muito de verdade nisso”).

Em todo caso, no produto exportado será marcado *made in Germany*. Os sapatos são para a Wehrmacht, mas nenhuma firma sob ocupação tem qualquer escolha. Hitler até ordenará que especialistas da indústria de armamentos se familiarizem com o sistema de trabalho em Zlín. – Os tchecos são os mais perigosos de todos os eslavos, porque são aplicados – diz Hitler.

Durante a guerra a firma aumenta em quatro vezes o número de seus empregados.

Enquanto isso, Jan Bata anuncia-lhes que a partir de então a liberdade pode se desenvolver apenas com a ajuda do empreendedorismo. E ele mesmo logo viaja para a América.

Julho de 1939: O ciclista

É claro que diante dos alemães precisa fingir que irá à Feira Mundial de Nova Iorque, pois de outra forma não lhe permitiriam sair do Protetorado da Boêmia e Moravia. Mas sabe que ficará nos Estados Unidos. Enquanto isso, Tomík, de 25 anos, está com a mãe no Canadá. Estava numa viagem ao exterior quando os alemães invadiram a República Tcheca. Decidiu que não voltaria.

Os alemães querem tomar Zlín e as vizinhanças. A lei do Protetorado permite confiscar os bens, se o proprietário estiver no estrangeiro.

Jan Bata, no entanto, se preveniu: deu até sete por cento de suas ações a cada um dos cinco membros do conselho de supervisores. Persuade a velha senhora Batová a voltar

a Zlín, pois ela possui vinte e cinco por cento das ações. Marie volta para que Zlín não passe para mãos estrangeiras. Para Jan, na América, sobram apenas quarenta por cento das ações, portanto, a maior parte dos proprietários das empresas Bata mora em terras ocupadas. É óbvio que no cofre do banco nova-iorquino, Jan já guarda declarações escritas de que após o final da guerra os membros do conselho de supervisores lhe devolverão as ações.

Por causa disso, Hitler supostamente tem um ataque de fúria. – Todo tcheco é um ciclista que em cima se inclina, mas embaixo pedala – berra.

Janeiro de 1941: A grande correnteza

Jan e sua família deixa Los Angeles no navio s/s “America”.

É *persona non grata* nos Estados Unidos, porque entrou na lista negra dos aliados como colaboracionista, pois sua empresa trabalha para os alemães. Navega para o Brasil.

Tomík, de vinte e sete anos, continua no Canadá e começa a administrar a duplicata de Zlín – Batava.

Jan, no Brasil, cria as suas duplicatas. Pergunta aos índios como se diz água – Y – respondem.

– E como se diz boa?

– Porã – informam gentilmente. E assim surge a duplicata número um: a cidadezinha de Batayporã.

A duplicata número dois tem por nome Bataguassu, que significa “Grande Correnteza de Bata”.

Junho de 1942: A vitrine

Na praça Václavské náměstí, em Praga, desde 1929 localiza-se a loja de departamentos chamada de palácio Bata, com uma grande vitrine. (Foi projetada pelo tcheco Ludvík Kysela e, no século XXI, permanece reconhecida como um dos mais extraordinários edifícios do estilo funcionalista no mundo).

Em 27 de maio de 1942, um grupo de paraquedistas tchecos treinados na Inglaterra realiza um atentado ao mais importante funcionário do III Reich no Protetorado, Reinhard Heydrich, o qual morre no hospital. Os assassinos conseguem escapar. Como castigo, Hitler manda matar todos no vilarejo de Lidice, perto de Praga. Os hitleristas não só assassinam todos os homens, como mandam as mulheres para Ravensbrück e as crianças para o campo de concentração ou para a Alemanha. Não só incendeiam ou explodem

todas as construções como também nivelam o vilarejo com terra. Descem também sob a terra – dos túmulos tiram todos os caixões, e deles, os cadáveres. A ação é considerada finalizada após arrancarem todas as árvores com as raízes e mudarem o curso do riacho, para que ninguém afirmasse que naquele lugar existira um vilarejo.

Antes que os alemães agarrem os autores do atentado, as autoridades obrigam o gerente da loja Bata da Václavské náměstí a exibir na vitrine o sobretudo, o boné, a pasta e a bicicleta encontrados no local do atentado, assim como um anúncio de um prêmio de dez milhões de coroas pela descoberta dos responsáveis.

(Para a propaganda comunista, tornar pública a disponibilização da vitrina da loja será posteriormente uma das provas da colaboração de Bata com os ocupantes).

1945: Fama e desonra

Zlín é primeiramente bombardeada pelos americanos (destroem sessenta por cento das fábricas na cidade), e posteriormente libertada pelo Exército Vermelho. O governo polonês na imigração recusa o acordo de compromisso com a URSS e permanece para sempre em Londres. O governo tchecoslovaco na imigração cria em Moscou um governo de coalizão com os comunistas e anuncia seu programa.

Os diretores das empresas de Bata são presos. Seus substitutos, aos olhos de todos, devem varrer Zlín. Ao longo de dois meses, da cidade de cinquenta mil habitantes, fogem treze mil.

Pelo sistema radiofônico da empresa, discursam Ivan H. e Josef V. Durante a guerra trabalhavam na firma e eram informantes da Gestapo. Agora inscreveram-se para o Serviço Secreto. – A fama de Jan Bata acabou sendo sua desonra – dizem.

Jan mora em Batatuba (duplicata número três no Brasil), quando fica sabendo que, através de um decreto do presidente da república, o país se apropriou da sociedade anônima de Bata.

O conhecido escritor soviético Ília Erenburg visita a Tchecoslováquia e depois escreve: “Bata, que ficou em Zlín, louvava o Führer e fornecia sapatos para a Reichwehra. No dia anterior, Munique mudou seu brasão. Até então havia três sapatos, mas Bata pintou um quarto, para que as linhas cruzadas formassem uma suástica”.

Será que Erenburg esteve realmente em Zlín? (Bata, na verdade, viajou e não tinha brasão). Esse fragmento do artigo é divulgado em toda a Tchecoslováquia e os comunistas preparam um processo judicial contra Jan Bata por traição da pátria.

Ele mesmo exige da nação tchecoslovaca uma indenização pela nacionalização de Zlín – a maior propriedade da Europa Central possuída por um único homem. Se a corte provar que Bata colaborou com os alemães, não terá direito a nada.

28 de abril de 1947: A sentença

– Meu Deus, e criamos Zlín apenas para dar asas ao homem tcheco – fala Jan Bata, quando fica sabendo que a sentença do tribunal nacional, em Praga, o condenou a quinze anos de prisão e a dez anos de trabalhos forçados. Mais o confisco dos bens.

Exigiu, como acusado, poder comparecer diante do tribunal e ter a chance de defesa. – Não acredito que o réu queira realmente comparecer ao tribunal – disse o juiz para o promotor durante o processo.

O promotor então declarou: – A acusação pode se efetivar na ausência do acusado que não quer voltar ao país e não voltará.

O acusado pediu pelo envio, ao menos, do ato de acusação. Sem resultado.

Embora o processo tenha sido um típico espetáculo stalinista, não foi possível provar a colaboração através da produção (todos os fabricantes tinham que produzir para os alemães, mas ele nem estava no país). Não foi possível aceitar a ridícula ideia da Patagônia como traição. No entanto, a colaboração era – chega à conclusão o tribunal – não apoiar o movimento clandestino de resistência na República Tcheca.

Os governantes do Brasil rapidamente trocam o documento de permanência de Bata por cidadania, e graças a isso podem protestar: seu cidadão não está sendo julgado de acordo com os procedimentos internacionais. E nada acontece.

(Daqui a quarenta e cinco anos, um dos netos de Jan conduzirá uma investigação particular para reabilitar o avô. Em 1992, encontrará nos arquivos do FBI um documento sobre a vontade dos americanos de retirar o sobrenome Bata da lista negra, já que não havia provas de colaboração. Porém, os governantes comunistas em Praga fizeram de tudo para que ele não saísse da lista, pois isso impossibilitaria seu julgamento na Tchecoslováquia e o confisco das posses).

1949: Świt (Alvorada)

Em homenagem ao camarada Klement Gottwald – fiel discípulo de Stalin, o qual no ano anterior liderou a tomada total do poder pelos comunistas e declarou: “Com a União Soviética para todo o sempre, e nunca de outra maneira” – Zlín passa a se chamar Gottwaldov.

E os sapatos Bata – sapatos Šwit (Alvorada).

1949: Ivana

Já em Gottwaldov, nasce Ivana, a filha do senhor Zelníčkovi, um empregado da empresa. Daqui a vinte e poucos anos, será modelo e, posteriormente, Ivana Trump – esposa do bilionário Donald Trump e uma das mais ricas mulheres nos Estados Unidos. Residirá num apartamento de cinquenta cômodos no sexagésimo oitavo andar do edifício Tower Trump em Nova Iorque, conhecido por seu interior em estilo rococó.

A imprensa americana a chama de “herdeira espiritual do gênio do capitalismo de Zlín, que no corpo eslavo aplicou uma injeção de mentalidade anglo-saxã”.

O casal se separou, porque – como assegura o marido – o maior erro será admitir uma tcheca de Zlín nos negócios. Ao invés de uma esposa, terá um infatigável sócio nos empreendimentos.

Um dos pensamentos mais interessantes que consta do *best-seller* – que Ivana T. escreverá sobre si mesma daqui a cinquenta anos – dirá assim: “A mulher é como um saquinho de chá. Para saber como ela é realmente, você precisa jogá-la na água fervendo”.

1957: Nobel

Nas ruas de Praga, há anos dizem: “Com a União Soviética para todo o sempre e nem um minuto a mais!”.

Fala-se também que Bata ganhará um Nobel, alguém ouviu dizer.

Realmente a imprensa brasileira escreve que o sexagenário Jan Bata, por seu projeto de reassentamento da Tchecoslováquia na Patagônia, ou seja, uma moderna ideia de migração, é candidato ao Prêmio Nobel da Paz. Sua indicação foi feita pelo presidente do Brasil – pela inestimável contribuição para a mudança do mundo. (Quem recebe o prêmio, no entanto, é o político canadense Pearson pela resolução do conflito do Canal de Suez).

Goethe disse: “Mais luz!” e morreu. As últimas palavras de Beethoven antes de morrer: “A comédia terminou”; de Heine: “Deus me perdoará, este é o trabalho Dele”.

Como soariam as últimas palavras do vencedor do Prêmio Nobel Jan Antonín Bata?

MEUS SAPATOS NÃO MACHUCAM OS PÉS?

1957: O experimento

A imprensa escreve que no Brasil Jan Bata iniciou um experimento para aumentar a superfície do couro de vaca.

Ordenou: – Vamos introduzir larvas de moscas em pequenos orifícios em todo o couro da vaca. Serão formadas bolhas e o couro se esticará, e desta maneira sua superfície se ampliará em sessenta por cento.

O experimento foi interrompido depois da morte da primeira vaca.

O experimento de Bata com uma ferrovia feita de madeira foi interrompido depois que os trilhos de madeira se afastaram um do outro com a passagem da primeira locomotiva de ferro.

É claro que isso não tem nenhum vínculo com o fato de os sapatos de Bata venderem de forma sensacional.

Anos 50 e 60: A guerra

Jan Bata luta agora contra Marie Batová e seu filho Tomík. A cunhada e o sobrinho em todos os lugares onde funcionavam filiais e organizações Bata (em mais de trinta países), o acusam de apropriação indébita da herança de Tomáš Bata. Sua briga é acompanhada por toda a imprensa ocidental. Como resultado da intriga legal midiática, Jan chega até a ficar detido em Nova Iorque por duas semanas.

Está exausto. Não tem saúde e nem dinheiro. Os processos duram quinze anos. Ao final, em 1962, Jan Bata cede uma considerável parte das posses a favor de Marie e Tomík. Morre em 1965, em São Paulo.

A direção mundial passa da organização Bata brasileira para a organização canadense (Tomík). Em algumas dezenas de países funcionam diferentes companhias de Bata; por exemplo, na França são oito, cada uma delas tem uma filial que ele controla. Tudo é supervisionado pelo filho de Tomík – Thomas Bata.

A Bata Shoe Organization em seu próprio proveito edita a revista *The Peak* (O cume).

1959: A vingança – ato seguinte

O pintor de cartazes já conclui alguns atos da vingança. Publicou novamente *A máquina de fazer sapatos*, publicou *A traição da família Bata* e publicou *A batização em*

resumo. Agora edita *A verdadeira face da batização*, para o qual coletou relatos de antigos funcionários de Bata.

“Trabalhei no prédio número 31. O chefe do turno nos recebia chamando por apelidos, que não dá nem para repetir. Quando recebi o telegrama dizendo que minha filhinha tinha morrido, pedi ao chefe uma folga para ir ao enterro. “O que você vai fazer lá, vá pro c... , é pra lá que você vai, ressuscitar a filha é que você não vai mesmo. Vá à merda, ninguém vai cumprir o planejamento por você”. Nem sei como voltei para a máquina, porque não via nada com as lágrimas. Apesar das ameaças fui ao enterro. Nem dá para contar o que eu sofri depois durante três anos” (A. Wagner).

“Bata dirigiu-se a nossos pais para que lhe vendessem seu querido pomar. Recusaram, porque esperaram vinte anos pelos seus frutos. Eu, meu irmão e minha irmã já éramos independentes e trabalhávamos para Bata. O gerente de recursos humanos nos ameaçou, dizendo que se não forçássemos nossos pais a vender a terra, não precisaríamos voltar ao trabalho no dia seguinte. Então coagimos nosso pobre pai que, chorando, vendeu aquela terra por um quinto do valor, porque o senhor Bata teve esse capricho” (Josef e František Hradilowie).

Analisando documentos, o autor revela que nos anos 1927-1937 não se encontra nenhum funcionário que tenha se aposentado na empresa de Bata. A equipe se rejuvenescia sistematicamente: os funcionários eram demitidos por qualquer motivo pelo menos dez anos antes da aposentadoria.

“Assim quebravam as pessoas naquela época, e assim o antigo regime as humilhava” – acrescenta Turek.

Tempos depois, em 1959: Moscou

Outro autor (possivelmente não carrega nenhum trauma consigo, é historiador) presta atenção em como já no estrato linguístico a batização refinada dilui a divisão de classes e suaviza o sistema de exploração.

Assim, Bata chama espertamente os seus funcionários de “colaboradores”, e os salários deles de “divisão de lucro”.

No décimo aniversário da criação de Gottwaldov e da firma S, cita-se na imprensa as palavras de certo comunista, que já em 1932 disse a Bata publicamente:

– Moscou elimina a inveja humana, Bata usa a inveja como força propulsora.

Março de 1990: A volta

Gottwaldov é novamente Zlín.

Tomáš Bata (Tomík), após sessenta anos, chega triunfalmente à cidade. É saudado por cem mil pessoas.

Gritam: “Venha nos torturar, Bata.”

Visita suas antigas lojas. Em uma delas observa como um cliente experimenta os sapatos. – Os clientes são a minha vida – diz. – Fico irritado quando em minha loja o comprador sozinho precisa amarrar os cadarços – ajoelha-se e começa a amarrar os cadarços de um senhor.

PS. Tomáš Bata Jr. morreu em primeiro de setembro de 2008.

REFERÊNCIA

SZCZYGIEL, Mariusz. *Gottland*. Wołowiec: Czarne, 2010, p. 7-42.